

ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: CONCEPÇÕES E PRÁTICAS DE EDUCADORES DE JOVENS E ADULTOS

HILDA APARECIDA LINHARES DA SILVA MICARELLO (UNIPAC), ANA LETÍCIA DUIN TAVARES (UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA), ILKA SCHAPPER SANTOS (UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA).

Resumo

Este trabalho é parte da pesquisa "Avaliação do Projeto Todas as Letras: Desenvolvimento e Impactos", desenvolvida pelo IIEP – Intercâmbio, Informações, Estudos e Pesquisas – que teve por objetivo investigar os impactos da alfabetização e do letramento na vida de jovens e adultos alfabetizando, no âmbito do Projeto Todas as Letras – PTL. Na coleta de dados foram utilizados os seguintes procedimentos: questionários respondidos por coordenadores regionais, locais, atores políticos, alfabetizadores e alfabetizando; entrevistas individuais e em grupo com esses mesmos atores; análise de produções escritas realizadas dos alfabetizando. Foram analisados, ao todo, 183 questionários, aproximadamente 32 horas de entrevistas transcritas e 289 produções de texto e exercícios realizados por alfabetizando. A partir da utilização dos instrumentos acima relacionados e também da inserção dos pesquisadores no campo, foi possível uma aproximação à realidade do PTL, conhecendo os atores que dele fazem parte e compreendendo seu papel na vida dos sujeitos e das comunidades atendidas pelo Projeto. Dentre os vários aspectos relativos à experiência dos sujeitos envolvidos no Projeto, o presente trabalho aborda a experiência dos professores formadores e suas concepções acerca dos termos alfabetização e letramento. Os resultados do estudo apontam para o fato de que, apesar da dificuldade que apresentam de conceituar o termo "letramento", muitos dos alfabetizadores conseguiram, na prática pedagógica, "alfabetizar letrando", pois privilegiaram situações de leitura e escrita relacionadas ao universo sócio-histórico-cultural dos alfabetizando. Ao mesmo tempo, a análise da experiência do PTL aponta permanências de práticas pedagógicas ainda pautadas em textos no modelo escolar/cartilha, cujo conteúdo muitas vezes infantiliza o processo de alfabetização de jovens e adultos, indo de encontro às orientações teórico-metodológicas do PTL. Destaca-se a possibilidade de superação dessas tensões a partir de investimentos em políticas de formação dos formadores.

Palavras-chave:

Alfabetização, Letramento, Jovens e adultos.

O presente texto é parte do relatório final da pesquisa "Avaliação do Projeto Todas as Letras: seu Desenvolvimento e Impactos", desenvolvida pelo IIEP - Intercâmbio, Informações, Estudos e Pesquisas. Nele abordamos as apropriações dos conceitos de alfabetização e letramento pelos alfabetizadores participantes do Projeto Todas as Letras - PTL, de alfabetização de jovens e adultos, desenvolvido no âmbito do Programa Brasil Alfabetizado.

Historicamente as concepções acerca da alfabetização foram se constituindo como uma prática plural e multifacetada, com diferentes sentidos e significados no contexto social, histórico, cultural, econômico e político, sob a égide de diferentes paradigmas.

Tais paradigmas têm sido alvo de inúmeras controvérsias motivando, no campo da pesquisa acadêmica, revisões conceituais que, ao serem debatidas no espaço da escola, muitas vezes levam a mudanças nas opções metodológicas e nos

procedimentos didáticos relativos ao processo de alfabetização. Entretanto essas mudanças, embora assumidas como necessárias pelos docentes, nem sempre são acompanhadas de uma clareza por parte desses sujeitos, quanto ao seu verdadeiro alcance.

São comuns, no contexto da prática escolar, apropriações parciais ou distorcidas de constructos teóricos complexos, que muitas vezes chegam à escola e aos professores de forma aligeirada, em programas de formação marcados pela descontinuidade e que esbarram na insipiente formação inicial de muitos docentes. O conceito de letramento, incorporado ao vocabulário educacional a partir da década de 1980 e hoje amplamente divulgada nas escolas é um exemplo desse tipo de apropriação.

Até a década de 1980, período em que os estudos da psicogênese da língua escrita chegam ao contexto educacional brasileiro através dos trabalhos de Emília Ferreiro e Ana Teberosky, o conceito de alfabetização, alicerçado sob a égide do paradigma dos métodos, restringia-se ao ensino-aprendizado do sistema alfabético de escrita. Isso significa dizer que a alfabetização se reduzia, na dimensão da leitura, a desenvolver a capacidade de decodificar os sinais gráficos (letras), transformando-os em sons e, na dimensão da escrita, a desenvolver capacidades para codificar os sons da língua, transformando-os em sinais gráficos (letras).

Este paradigma, que se encontra ainda fortemente presente nas propostas didáticas atuais e para o qual aprender a tecnologia da escrita é alfabetizar-se, foi amplamente utilizado até os anos de 1980. Nesse período, o foco das discussões em torno da questão da alfabetização estava voltado para a utilização dos métodos sintéticos ou analíticos, chamados por muitos de métodos tradicionais de alfabetização e que se encontram ainda fortemente presentes nas propostas didáticas atuais (Rego, 2006).

Contraopondo-se a essa perspectiva, no mesmo período histórico em que a concepção de alfabetização baseada nos métodos era a hegemônica, no início dos anos de 1960, Paulo Freire já definia alfabetização como conscientização e politização, evocando a capacidade que esse processo poderia ter de levar o sujeito a organizar seu pensamento de forma sistematizada, favorecendo a reflexão crítica e a possibilidade de provocar transformações sociais (Freire, 1980).

A concepção de alfabetização de Paulo Freire nos leva a refletir sobre a possibilidade que a leitura e a escrita oferecem de, através do diálogo e da reflexão crítica, favorecer a democratização da cultura e uma maior inteligibilidade sobre o mundo e a posição e lugar do homem nesse mundo. O autor criou uma concepção de educação como prática da liberdade que representou uma revolução no Brasil e no mundo. Propostas de alfabetização como aquela defendida por Freire só surgiram na literatura internacional nos anos de 1980 (Soares, 1998).

No campo dos estudos da linguagem e da educação, desde meados dos anos de 1980 a maneira de pensar em relação à leitura e à escrita vem se transformando gradativamente, em especial como decorrência das contribuições da sociolinguística ao campo educacional. A linguagem passa a ser vista como um processo dinâmico, que medeia contextos significativos da atividade social, sejam eles familiares, comunitários, profissionais, religiosos, dentre outros. Esse fenômeno é expresso pelo conceito de letramento.

Kleiman (1995:81) define letramento "como um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos".

Para Soares (2003a), letramento é o estado ou condição em que vive o indivíduo que não só sabe ler e escrever, mas exerce as práticas sociais de leitura e escrita que circulam na sociedade em que vive. Em outro estudo, Soares (2004b), complementa a conceitualização de letramento definindo-o como exercício efetivo e competente da tecnologia da escrita.

Na perspectiva de Tfouni (1995:9), "alfabetização refere-se à aquisição da escrita, já o letramento focaliza os aspectos sócio-históricos da aquisição de um sistema escrito por uma sociedade".

Soares (2003b), em estudo mais recente, ratifica o que é afirmado por Tfouni, afirmando que letramento e alfabetização são conceitos que, embora indissociáveis, são distintos. Para a referida autora, essa distinção e a clareza da especificidade de cada um desses conceitos é de suma importância, uma vez que, no contexto educacional brasileiro, vem ocorrendo uma falsa compreensão dos mesmos, acarretando altos índices de fracasso escolar na aquisição da leitura e escrita.

Considerando a interdependência entre alfabetização e letramento, alguns autores contestam a distinção entre ambos os conceitos, defendendo um único e indissociável processo de aprendizagem que abarca a compreensão do sistema e suas possibilidades de uso. Em uma concepção progressista de alfabetização, nascida em contraposição às práticas tradicionais, o processo de alfabetização incorpora a experiência do letramento e este não passa de uma redundância em função de como o ensino da língua escrita já é concebido.

Alinhando-se a essa concepção, Gadotti (2005:49) afirma: "a *alfabetização* não pode ser reduzida a uma técnica de leitura e escrita. Ser uma pessoa letrada não significa ser alfabetizada, no sentido que Paulo Freire dava ao termo", visto que este atribuía à alfabetização a capacidade de o indivíduo organizar criticamente o seu pensamento, desenvolver consciência crítica e introduzir-se num processo real de democratização da cultura e de libertação.

Como é possível perceber, há diversas formas de compreender as relações entre alfabetização e letramento. No âmbito do PTL, as orientações pedagógicas que fundamentam o Projeto assumem a distinção entre ambos os termos, tal como feita por autores como Kleimann (2001) e Soares (1998, 2003, a e b) explicitando que

Entendemos **Letramento** como um processo contínuo de inserção do sujeito no mundo letrado, isso significa compreender que, independente do domínio do código linguístico, todos os sujeitos, em diferentes níveis, constroem suas próprias estratégias de inserção nas práticas sociais, logo, criam seus próprios meios de interpretar os eventos de letramento mediados pela escrita. (Caderno de Apoio Pedagógico do PTL, 2007)

Portanto, no âmbito do Projeto Todas as Letras o letramento é concebido como processo distinto da alfabetização e na sua dimensão social, para além de uma abordagem individual de apropriação do código linguístico pelos sujeitos. Coerente com essa concepção, as orientações metodológicas do PTL apontam para a necessária consideração das realidades de vida dos alfabetizandos, suas histórias e expectativas quanto à alfabetização, além da importância de uma reflexão sobre o próprio conceito de letramento e de suas possibilidades de apropriação em práticas de educação de jovens e adultos. Considerando essa orientação do Projeto, um dos objetivos da pesquisa que avaliava seus impactos foi compreender como o conceito de letramento tem sido apropriado nas práticas pedagógicas dos alfabetizadores do

projeto e as repercussões dessa apropriação para a vida dos alfabetizados atendidos.

Para realização da pesquisa "Avaliação do Projeto Todas as Letras: seu Desenvolvimento e Impactos" tomamos como referência a experiência do Projeto em três casos específicos: o da Escola Centro Oeste, em Axixá, a da Escola Nordeste, em Pernambuco e da Escola Sul, em Mostardas. Embora focalizadas nesses casos, as análises empreendidas na pesquisa consideraram, também, as experiências de outras regiões nas quais o PTL foi desenvolvido e que foram conhecidas pelos pesquisadores no período de coleta de dados - Escola Amazonas, Escola 7 de outubro e Escola Chico Mendes.

No processo de coleta de dados foram utilizados os seguintes instrumentos de investigação: questionários aos coordenadores regionais, locais, atores políticos, alfabetizadores e alfabetizados; entrevistas individuais e em grupo com coordenadores regionais, locais, atores políticos, alfabetizadores e alfabetizados; recolha de artefatos: produções de textos e atividades escritas realizadas pelos alfabetizados.

Foram analisados, ao todo, 183 questionários, aproximadamente 32 horas de entrevistas transcritas e 289 produções de texto e exercícios[1] realizados por alfabetizados do PTL. Tal análise deu origem a três categorias teóricas para abordar os impactos do PTL nas dimensões da alfabetização e do letramento: a) Apropriações dos conceitos de alfabetização e letramento; b) Dimensão individual e coletiva do letramento; c) Gêneros textuais: continuum tipológico oral/escrito.

Neste texto abordaremos a categoria "Apropriações dos conceitos de alfabetização e letramento", a partir das reflexões que tomaram como eixo articulador os casos anteriormente citados. Em alguns momentos, as atividades escritas dos alfabetizados foram o material privilegiado de análise e, em outros, as entrevistas, dependendo da quantidade e representatividade do corpus empírico coletado em cada região.

A apropriação dos conceitos de alfabetização e letramento pelos alfabetizadores do PTL

A maioria das propostas curriculares de alfabetização de adultos desenvolvidas por países que ainda enfrentam o desafio de universalização do alfabetismo baseia-se em metodologias que articulam conscientização, organização e mobilização com base na leitura da realidade econômica política, social, cultural e educacional de cada país[2]. Nesse sentido, a articulação entre as dimensões do letramento e da alfabetização se impõe como condição para que a alfabetização de adultos se constitua em processo que permita, para além da leitura da palavra, a leitura de mundo, tal como a define Paulo Freire. Considerando a linguagem escrita como produto cultural, cuja apropriação se dá de forma mediada, é importante que os alfabetizadores, enquanto mediadores do processo de apropriação da linguagem escrita pelos alfabetizados tenham clareza quanto ao papel e função que essa tecnologia exerce nas diferentes situações sociais, percebendo a articulação entre apropriação do código ou da tecnologia da escrita e os seus usos sociais.

A apropriação dos conceitos de alfabetização e letramento pelos alfabetizadores do PTL foi uma das questões abordadas tanto nos questionários quanto nas entrevistas realizadas com coordenadores e alfabetizadores do Projeto, uma vez que a tradução dos princípios do PTL em práticas pedagógicas está condicionada a uma satisfatória apropriação desses princípios por aqueles sujeitos. Além dos questionários e das entrevistas, as produções dos alfabetizados revelam, também,

como os conceitos de alfabetização e letramento se fizeram presentes nas práticas pedagógicas desenvolvidas no âmbito do Projeto.

Nos questionários, a apropriação dos conceitos de alfabetização e letramento pelos alfabetizadores e sua tradução nas práticas pedagógicas desenvolvidas no âmbito do PTL foram abordadas a partir de questões que indagavam sobre os gêneros textuais e os materiais utilizados no trabalho de alfabetização. As respostas ao instrumento indicam que foram privilegiados os gêneros de maior circulação nos contextos de vida mais imediatos dos alfabetizandos, tais como embalagens de produtos, as listas de compras e bilhetes.

A percepção dos alfabetizadores que responderam aos questionários é a de que o envolvimento com as práticas culturais de leitura e escrita trabalhadas foi mais intenso quando essas práticas estavam, também, ligadas às necessidades mais imediatas dos alfabetizandos. Tal percepção é coerente com o fato de que adultos analfabetos, ao se inserirem em contextos de aprendizagem da leitura e da escrita, têm a expectativa de adquirir maior autonomia em situações sociais das quais não podem participar plenamente por não disporem das condições mínimas, em termos de domínio da tecnologia da escrita, exigidas. Do ponto de vista dos alfabetizandos existe, também, a percepção de que conseguem ler com mais fluência esses gêneros textuais.

Os dados obtidos através dos questionários permitem inferir que práticas que os sujeitos realizam diariamente, nas quais a leitura e a escrita estão presentes, foram abordadas pelos alfabetizadores do PTL, o que permitiu aos alfabetizando uma participação mais efetiva nessas práticas. Nesse sentido a inserção no PTL possibilitou aos alfabetizandos, um nível de letramento qualitativamente diferente daquele percebido anteriormente à inserção no Projeto.

Nas entrevistas com coordenadores regionais, locais e alfabetizadores foram abordados, de forma explícita, os conceitos de alfabetização e letramento através da pergunta quanto ao que significa "alfabetizar letrando", princípio que orienta as opções metodológicas do PTL. As respostas revelam que, entre coordenadores regionais e locais, existe uma maior facilidade em se expressar com relação aos conceitos. Já entre os alfabetizadores, embora haja limitações em conceituar letramento, é possível perceber uma sensibilidade com relação ao modo como esse conceito se relaciona às experiências dos alfabetizandos. Embora sejam perceptíveis limitações em lidar com o conceito em termos discursivos, isso não significa que ele não tenha sido apropriado na prática junto aos alfabetizandos. Refletiremos mais detalhadamente sobre esse aspecto a partir de alguns trechos das entrevistas em profundidade realizadas nos três casos selecionados para apresentação da pesquisa.

No trecho apresentado a seguir, uma alfabetizadora explica o que, para ela, significa alfabetizar letrando:

Não só ler nem escrever, mas também, no caso é que as pessoas tenham conhecimento de como viver neste mundo que a gente vive hoje e este mundo hoje não está fácil. É preciso que a pessoa seja bem madura, ele tem que se amadurecer bem para que ele não se precipite, ele tem que ser uma pessoa mais solidária, uma pessoa que participa, que ele se insere nas coisas, na igreja, na comunidade, nas associações pra que ele possa estar mudando o tipo da vida dele também. (Entrevista com alfabetizadora, Axixá, Escola Centro Oeste)

Em seu depoimento, a alfabetizadora estabelece relação entre a apropriação da leitura e da escrita e novas possibilidades de inserção dos sujeitos em seu meio.

Coerente com sua percepção da dimensão do letramento, a alfabetizadora afirma privilegiar, em sua prática, aquelas situações próximas ao cotidiano dos educandos, provocando uma reflexão sobre as mesmas.: "A gente aprendia dialogando uns com os outros. É através de uma palavra que eles falavam, daí eu achava muito importante e a gente ia trabalhar em cima daquilo dali. (Entrevista alfabetizadora, Axixá, Escola Centro Oeste)

Depreende-se do depoimento da alfabetizadora a importância que ela atribui à articulação entre o trabalho de alfabetização e o contexto de vida dos alfabetizandos, buscando conhecer esse contexto e tomá-lo como fonte de temas a serem incorporados à prática pedagógica.

Diante das dificuldades na formalização do conceito de letramento, alguns alfabetizadores lançam mão da experiência vivida com os alfabetizandos para explicitar a sua apreensão do mesmo, como na entrevista cujo trecho se apresenta a seguir.

Eu tive alunos que levaram pra mim cartas que seus filhos mandam, bilhete, receita médica. Tudo isso, essas coisas assim.

É levando ele pra o mundo, a sua leitura cotidiana. E trazer o dia a dia deles para alfabetizar eles, letrar eles, não só pra eles ficar com alguma coisa, mas sim ter sua visão de mundo. (Entrevista alfabetizadores, Escola Nordeste, Núcleo Forró)

Entretanto, embora menos frequentes, também aparecem respostas às entrevistas que indicam compreensões equivocadas da idéia de letramento, que dão origem a práticas que enfatizam a apropriação do código, a partir de atividades mecânicas, nem sempre relacionadas às experiências de vida dos alfabetizandos. Os trechos de entrevistas apresentados a seguir exemplificam esse tipo de apreensão equivocada do conceito.

No meu conhecimento alfabetizar letrando é trabalhar com as iniciais do nome de cada um. (Entrevista com alfabetizador, Axixá, Escola Centro Oeste)

Significa, assim, por letra, significa alfabetizar pelas letras. (Entrevista com alfabetizador, Pernambuco, Escola Nordeste)

Este último alfabetizador, quando questionado quanto aos gêneros textuais trabalhados no âmbito do Projeto afirma: "Poesias... e também levo bastante textos da cartilha." (Entrevista com alfabetizador, Pernambuco, Escola Nordeste)

Embora afirme trabalhar com poesias, o alfabetizador afirma utilizar as Cartilhas, um portador no qual os textos em geral são bastante artificializados e criados com o objetivo de explorar a apropriação do código desvinculada de uma situação mais significativa de uso da leitura ou da escrita. A coexistência de práticas mais focalizadas na dimensão de apropriação da tecnologia com outras que privilegiam os usos sociais da leitura e da escrita é consequência, muitas vezes, da precária formação dos educadores. Esses educadores, na falta de referências mais consistentes, lançam mão de sua experiência anterior, seja como alfabetizadores em contextos de educação formal, nos quais o trabalho com os métodos tradicionais de alfabetização e o uso das cartilhas se constitui a tônica, seja como alunos, que vivenciaram uma experiência escolar também pautada pelo trabalho com métodos tradicionais, que privilegiam a apropriação descontextualizada da tecnologia da escrita.

Para melhor compreender a tensão entre as diferentes perspectivas da prática dos alfabetizadores no âmbito do PTL, procedeu-se à análise de alguns textos produzidos pelos alfabetizandos. Compuseram o *corpus* analisado um total de 365 textos, originários tanto das regiões nas quais se realizaram os três estudos de caso quanto de outras regionais. Esses textos revelam a variedade de temas, tipos e gêneros textuais abordados pelos alfabetizadores. Também expressam o repertório de recursos metodológicos de que dispunham para encaminhar o processo de alfabetização, conforme as experiências anteriores desses alfabetizadores no campo da educação e a partir das informações que foram agregando ao longo do processo de formação desenvolvido no âmbito do Projeto.

Uma análise horizontalizada do material revela a presença significativa de textos da ordem do narrar e do relatar, que focalizam temáticas ligadas à vida dos alfabetizandos: autobiografias, impressões sobre o papel do PTL em suas vidas, textos sobre trabalho, economia solidária, preconceito, dentre outros temas.

Em alguns casos, quando são apresentados vários textos de um mesmo alfabetizando, produzidos ao longo da participação no PTL, é possível acompanhar os progressos alcançados tanto na apropriação do código, dimensão da alfabetização - quanto na apropriação da estrutura dos gêneros textuais e na possibilidade de sua utilização para expressar-se com relação às suas experiências de vida - dimensão do letramento.

Entre os materiais escritos analisados, também foi possível identificar, embora em número menos expressivo, textos no modelo escolar, como exercícios de cópia das letras do alfabeto em sequência, exercícios xerocopiados de cartilhas, com conteúdo e forma infantilizantes. A utilização desse tipo de atividade aponta para o necessário investimento em processos de formação dos alfabetizadores do Projeto, uma vez que muitos, por não terem experiência anterior como alfabetizadores nem qualquer formação no campo da educação, se valem de sua própria experiência de alfabetização, na infância, na condução do trabalho junto aos alunos. Além disso, muitos dos que já atuaram como alfabetizadores, trazem experiências de trabalho com métodos tradicionais de alfabetização e essas experiências anteriores acabam se sobrepondo às orientações metodológicas do PTL. Um dos coordenadores destaca, inclusive, que um dos desafios do Programa tem sido o de romper com um modelo escolar de alfabetização, presente na prática de alguns alfabetizadores.

Atividades no modelo escolarizante e muitas vezes infantilizante das cartilhas se mostram como um impedimento ao alcance das metas do Projeto, em especial aquelas que dizem respeito às contribuições que o acesso à leitura e à escrita podem trazer à criação de formas de organização e inserção social dos alfabetizandos, uma vez que essas práticas privilegiam processos mecânicos, que não permitem que os sujeitos se apropriem da linguagem escrita enquanto forma de interação em seus contextos de vida. A superação dessas práticas é, ainda, um desafio que se coloca ao PTL.

Considerações Finais

Vimos, a partir do diálogo com os participantes do projeto, que apesar da dificuldade em conceituarem letramento, muitos alfabetizadores conseguiram, na prática pedagógica, "alfabetizar letrando", pois trabalharam com a leitura e a escrita enquanto práticas sociais, relacionadas ao universo sócio-histórico-cultural dos alfabetizandos. Isso se materializou no trabalho com tipos e gêneros textuais de maior circulação nos contextos de vida dos alfabetizandos: preços e embalagens de produtos; contas de água, luz e telefone; placas de ruas ou estradas; indicação das linhas de ônibus; receitas; bulas de remédios; preenchimento de formulários;

e-mails; aviso das escolas dos filhos; carta de amigos-companheiro; lista de compras; diário; poesias e outros textos literários.

A experiência do PTL aponta, ainda, tensões que necessitam ser superadas: a coexistência de práticas pedagógicas focalizadas em textos de cartilhas; o trabalho com textos do modelo escolar, com conteúdos que muitas vezes infantilizam o processo de alfabetização de jovens e adultos e acabam por ir de encontro às orientações teórico-metodológicas do PTL; a ausência de políticas de formação dos alfabetizadores, fruto do caráter episódico que os projetos de educação de jovens e adultos têm assumido na realidade educacional brasileira.

Referências

CUT, Cadernos de Apoio Pedagógico III: juntos escrevendo uma nova história. São Paulo: 2005.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980. p. 119.

GADOTTI, Moacir. *O uso do termo letramento como alfabetização é uma forma de se contrapor ideologicamente á tradição freireana*. REVISTA PÁTIO. Porto Alegre, ano IV, n. 34, mai./jul. 2005.

KLEIMAN, Angela (org). *Os significados do letramento*. Campinas. São Paulo: Mercado das Letras, 1995.

_____. *Oficina de leitura: teoria e prática*. 8. ed. Campinas, SP: Pontes, 2001.

REGO, Lúcia Lins Browne. *Alfabetização e letramento: Refletindo sobre as atuais controvérsias*, 2006. Disponível em: <http://www.portal.mec.gov.br/seb>. Acesso em: 28 jul. 2006.

SOARES, Magda. *Paulo Freire e a alfabetização: muito além de um método*. REVISTA PRESENÇA PEDAGÓGICA. Belo Horizonte, v. 4, n. 21, p. 98-104, 1998.

_____. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003a.

_____. *A reinvenção da Alfabetização*. REVISTA PRESENÇA PEDAGÓGICA, v.9, n.52, p.15-21, jul./ago. 2003b.

_____. *Alfabetização e letramento: caminhos e descaminhos*. REVISTA PÁTIO, Porto Alegre, ano 8, n.29, p.18-22, fev./abr. 2004a.

TFOUNI, Leda V. *Letramento e Alfabetização*. 6. ed. São Paulo: Cortez. 1995.

[1] Estabelecemos aqui uma diferenciação entre textos, ainda que bastante curtos, produzidos pelos alfabetizandos individual ou coletivamente, e exercícios, que são atividades de treino, no modelo escolar.